



O Velho Piano

Texto:
MARA DOMINGUES

Ilustrações:
ESTRELA LOURENÇO



BOOK
SMILE



Sobre a Coleção

Os poços sempre foram locais de encontro, de partilha de histórias, vivências e experiências. Ali se juntavam os habitantes das comunidades, em busca de água para matar a sede, mas também à procura de uma oportunidade para ouvir, aprender, ensinar e passar o tempo.

Há poços simples, outros mais elaborados.

Poços grandes, poços pequenos, de pedra, de mármore, enfeitados com flores, decorados com seixos ou conchinhas. Há até quem os ache mágicos e encantados, capazes de conceder os desejos mais profundos.

Ao seu redor, brincam crianças, namoram casais apaixonados, descobrem-se segredos e entrelaçam-se narrativas sem fim.

O Poço das Histórias tem tanto para contar.

E hoje... que história vais encontrar nas suas páginas?



— FRANCISCA! FRANCISCA, ANDA! Vamos lanchar! — gritou a Constança do fundo das escadas.

Há já algumas semanas, desde que o novo inquilino se mudara para a casa da frente, que a Francisca não era capaz de conter a curiosidade. Assim que chegava da escola, atirava a mochila para um canto e subia desenfreadamente cada degrau até ao quarto, para se colocar à janela. Ninguém sabia quem era o senhor.

Os poucos que o haviam visto comentavam o seu ar sisudo. Passava os dias fechado em casa. Ele e o seu piano. Tocava de manhã à noite, e o som que saía por entre as frechas das janelas deixava a Francisca encantada.





Se a deixassem, ficava ali horas,
de portadas abertas, a escutar cada
nota como se fosse um segredo, e a sonhar que
aquela música era sua.

— Gostava tanto de ver o piano e aprender a tocar
— confessou a Francisca numa daquelas noites.

— Então, vai lá bater à porta e pede-lhe que te
ensine a tocar — lançou a Constança.

— Estás doida?! Fico toda a tremer só de pensar
nisso. Sabes perfeitamente que não nos devemos
aproximar do portão, muito menos entrar. Dizem que
o senhor não gosta de pessoas e que não quer visitas.
Ontem ouvi dizer que, desde que aqui vive, nunca saiu
de casa...

— Oh, pobrezinho! — exclamou a Constança, quase
a adormecer. — Se calhar, ele até queria ter amigos
e ninguém gosta dele. Vamos ser nós as amigas do
vizinho. Não pode ser assim tão mau.

Os dias foram passando com aquela música de fundo e a Francisca sempre à janela.

— Francisca! Francisca, vamos!

— Vamos onde? — perguntou a menina.

— Vamos a casa do vizinho! Está decidido! — ordenou a Constança.

— Não podemos! E se ele não abrir a porta? E se a abrir e se chatear connosco? E se gritar para sairmos dali? E se a mãe e o pai se zangarem por lá irmos?

Mesmo não sabendo o que as esperava, e arriscando um ralhete, as manas saíram de casa com o coração acelerado. A rua que tinham de atravessar pareceu-lhes o caminho mais longo que alguma vez tiveram de percorrer.

Pararam em frente ao grande portão de ferro e, depois de respirar fundo, a Constança tocou à campainha. E tocou... e voltou a tocar.

— Se calhar não ouve. A música do piano está muito alta... — supôs a Francisca. — Melhor. Assim não arranjam problemas.

A Constança não ficou convencida e, um pouco a medo, empurrou o portão. Estava só encostado.

— Anda, Francisca, vamos espreitar!

A Francisca nem respondeu. Sabia que a irmã não ia desistir.

Engoliu em seco e seguiu atrás da Constança, colando-se a ela como uma sombra.

Vista assim, de fora, a casa parecia-se com o dono: tinha um ar um pouco sombrio e frio. Porém, até era bonita, com um jardim bem cuidado e repleto de grandes árvores.

Subitamente, ouviu-se uma voz.

— Quem está aí?

O vizinho aproximou-se das meninas e as duas tremeram. Tinham invadido a casa de um estranho. E agora? Será que ia expulsá-las? Chamar a polícia? Trancá-las numa cave escura?

— Olá, meninas. Estão perdidas? O que fazem no meu jardim?

A Constança sentiu uma empatia imediata. O seu coração dizia-lhe que não havia razões para ter medo. Por isso, respondeu prontamente.

— Desculpe a invasão. Só queríamos conhecê-lo e ver o seu piano.

— Como é que sabem que tenho um piano? E porque é que o querem ver? Nunca ninguém se interessou. Os vossos pais sabem que estão aqui?

Elas não responderam, quase como se nem tivessem ouvido o que o vizinho dissera, e continuaram com as perguntas.

— O senhor vive sozinho? Não tem medo? — perguntou a Constança.

— Vivo com a minha música — respondeu, com um sorriso.

— E porque é que não vai para rua e não fala com ninguém? — questionou a Francisca.

— Não falo com ninguém? Se eu não conheço ninguém e ninguém vem a minha casa, com quem é que vocês querem que eu fale? — perguntou, num tom até bastante triste.





Há um novo vizinho no bairro da Francisca e da Constança, e todos o acham misterioso e muito carrancudo. Mas como pode alguém assim tocar músicas tão belas ao piano? Corajosas, as duas irmãs atrevem-se a abrir o portão de ferro da casa do Sr. António. As meninas vão descobrir que nem tudo é o que parece e que todos, sem exceção, temos histórias para contar.

Só é preciso haver quem as queira ouvir!

A coleção **O POÇO DAS HISTÓRIAS** reúne contos doces e maravilhosos, escritos e ilustrados por autores portugueses. Histórias intemporais para pequenos leitores curiosos e sonhadores.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Leitura Infantil

penguinlivros.pt

[penguinkidspt](https://www.facebook.com/penguinkidspt)

8+

ISBN: 978-989-583-539-3



9 789895 835393